

CARAMBAIA

Charlotte Delbo

Auschwitz e depois

ilimitada

Tradução

MONICA STAHEL

Posfácio

MÁRCIO SELIGMANN-SILVA

6 Sobre esta edição

• • •

Auschwitz e depois

- 11 I. Nenhum de nós voltará
147 II. Um conhecimento inútil
285 III. Medida de nossos dias

• • •

436 Posfácio, por Márcio Seligmann-Silva

Sobre esta edição

Charlotte Delbo guardou durante vinte anos o manuscrito de *Nenhum de nós voltará*, a primeira parte deste volume, levando-o para onde quer que fosse, sem conseguir se decidir a publicá-lo. O engajamento numa causa diferente, a denúncia da Guerra da Argélia, é que a levaria a lançar seu primeiro livro. Revoltada com a guerra colonial, mas não se sentindo legitimada para depor sobre ela diretamente, ela reúne e apresenta um conjunto de cartas numa coletânea, fazendo-se câmara de eco da indignação dos que as escreveram. *Les Belles lettres* é publicado em 1961 pela Les Éditions de Minuit, editora que já havia lançado uma série de testemunhos comprometidos – e muitas vezes censurados – contra a tortura na Argélia.

Alguns anos depois, em 1964, Charlotte Delbo fica sabendo por um conhecido do CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique) que Colette Audry está buscando textos escritos por mulheres para uma coleção que organiza na editora Gonthier. Ela aceita confiar-lhe seu testemunho de deportação. Sua amiga Claudine Riera-Collet se oferece para datilografar os textos. Assim, *Nenhum de nós voltará* é publicado pela primeira vez em 1965 pela Gonthier. Desse primeiro depoimento logo surge outro livro, a partir das perguntas que sua amiga lhe fazia durante a preparação do manuscrito: quem eram todas

aquelas mulheres, como tinham se encontrado em Auschwitz, qual fora seu destino? Charlotte resolve reunir tudo o que sabe ou consegue recompor sobre as 230 mulheres. Redige uma nota sobre cada uma, e os textos são organizados em ordem alfabética. Trabalha cerca de um ano nesse livro, até julho de 1965, e leva a Jérôme Lindon, das Éditions de Minuit. *Le Convoi du 24 janvier* [O comboio de 24 de janeiro] é publicado em novembro do mesmo ano.

Assim, em 1965 são publicados seus dois primeiros livros sobre os campos de concentração, um muito diferente do outro. Ambos têm alcance universal: o primeiro pela sensibilidade, pela humanidade e pela exatidão do relato pessoal, o segundo narrando o destino de cada mulher de um ponto de vista factual e histórico. Embora as vendas sejam reduzidas, essas obras angariam elogios suficientes para estimular Charlotte Delbo a prosseguir o relato de *Nenhum de nós voltará*. A transferência para Ravensbrück em 1944, a libertação dos campos, a volta, tudo isso estava ausente do primeiro livro. Além disso, ela escreveu, ao longo dos anos, alguns poemas com os quais pontuará seu relato: assim se constitui o segundo livro da trilogia, *Um conhecimento inútil*. As Éditions de Minuit publica o livro em 1970 e, ao mesmo tempo, reedita o primeiro.

Depois vem rapidamente a terceira parte: as pesquisas feitas para *Le Convoi du 24 janvier*, as companheiras sobreviventes reencontradas, as conversas com elas e as amizades reatadas lhe deram a ideia de escrever sobre isso também: o que nos tornamos depois de Auschwitz? Em *Medida de nossos dias*, que encerra em 1971 a trilogia *Auschwitz e depois*, ela retrata suas companheiras sobreviventes. Cada uma constrói à sua maneira a própria estratégia, mais ou menos consciente, para tentar viver, uma vez que nada jamais será como antes, porque elas nunca realmente *voltaram* de lá.

Charlotte Delbo

Auschwitz e depois

I. Nenhum de nós voltará

*Hoje não tenho certeza de que
o que escrevi é verdade. Tenho
certeza de que é verídico.*

Rua da chegada, rua da partida

Há gente que chega. Com os olhos, os que chegam buscam na multidão dos que esperam aqueles que os esperam. Beijam-nos e dizem que estão cansados da viagem.

Há gente que parte. Os que partem despedem-se dos que não vão partir e beijam as crianças.

Há uma rua para os que chegam e uma rua para os que partem.

Há um café que se chama “Na chegada” e um café que se chama “Na partida”.

Há gente que chega e há gente que parte.

Mas existe uma estação em que os que chegam são justamente os que partem

uma estação em que os que chegam nunca chegaram, em que os que partiram nunca voltaram.

É a maior estação do mundo.

É a essa estação que eles chegam, que eles vêm de qualquer lugar.

Chegam depois de dias e depois de noites atravessando países inteiros

chegam com os filhos mesmo os pequenos que não deveriam estar na viagem.

Trouxeram os filhos porque ninguém se separa dos filhos para aquela viagem.

Os que tinham trouxeram ouro porque acreditavam que o ouro pudesse ser útil.

Todos trouxeram o que tinham de mais precioso pois não se deve deixar o que é precioso quando se parte para longe.

Todos trouxeram sua vida, era principalmente a vida que precisavam trazer consigo.

E quando chegam
acreditam ter chegado
ao inferno

possível. No entanto não acreditavam.

Não sabiam que se tomava o trem para o inferno, mas já que estão lá armam-se e sentem-se dispostos a enfrentá-lo com os filhos as mulheres os velhos pais com as lembranças de família e os documentos.

Eles não sabem que àquela estação não se chega.

Esperam o pior – não esperam o inconcebível.

E quando lhes ordenam que façam fila de cinco, homens de um lado, mulheres e crianças do outro, numa língua que não compreendem, eles compreendem à força de bastonadas e fazem fila de cinco, pois esperam por qualquer coisa.

As mães aconchegam os filhos – temiam que lhes fossem tirados – porque os filhos estão com fome e sede e estão amarfanhados pela insônia através de tantos lugares. Finalmente chegaram, elas vão poder cuidar deles.

E quando lhes gritam para que deixem as trouxas, os edredons e as lembranças na plataforma, eles deixam, porque devem esperar por qualquer coisa e não querem ser surpreendidos por nada. Dizem “vamos ver”, já viram tanto e estão cansados da viagem.

A estação não é uma estação. É o fim de uma linha. Eles olham e são acometidos pela desolação ao redor.

De manhã a bruma lhes esconde os pântanos.

À noite os holofotes iluminam os arames farpados brancos com uma nitidez de fotografia astral. Acreditam que é para lá que estão sendo levados e se apavoram.

À noite esperam o dia com as crianças pesando nos braços das mães. Esperam e se indagam.

De dia não esperam. As filas se põem a andar imediatamente. Primeiro as mulheres com as crianças, são os mais cansados. Os homens em seguida. Também estão cansados, mas ficam aliviados por fazerem passar primeiro suas mulheres e seus filhos.

Pois fazem passar primeiro as mulheres e as crianças.

No inverno são surpreendidos pelo frio. Sobre tudo para os que vêm da Cândia, a neve é novidade.

No verão o sol os ofusca quando saem dos vagões que foram aferrolhados na partida.

Ao partir da França da Ucrânia da Albânia da Bélgica da Eslováquia da Itália da Hungria do Peloponeso da Holanda da Macedônia da Áustria da Herzegovina das margens do mar Negro e das margens do Báltico das margens do Mediterrâneo e das margens do Vístula.

Desejariam saber onde estão. Não sabem que é aqui o centro da Europa. Procuram a placa da estação. É uma estação que não tem nome.

Uma estação que para eles jamais terá nome.

Alguns estão viajando pela primeira vez na vida.

Alguns viajaram por todos os países do mundo, comerciantes. Todas as paisagens lhes eram familiares, mas essa eles não reconhecem.

Olham. Mais tarde saberão dizer como era.

Todos querem lembrar-se da impressão que tiveram e como tiveram o sentimento de que não voltariam.

É um sentimento que já se pode ter tido na vida. Eles sabem que é preciso estar alerta aos sentimentos.

Há os que vêm de Varsóvia com grandes xales e trouxas amarradas

há os que vêm de Zagreb as mulheres com lenços na cabeça

há os que vêm do Danúbio com pulôveres de tricô feitos no serão com lãs multicoloridas

há os que vêm da Grécia, trouxeram azeitonas pretas e rahat-lokum¹

há os que vêm de Monte Carlo

estavam no cassino

estão de fraque com um peitilho que a viagem quebrou por inteiro

são barrigudos e são carecas

são banqueiros gordos que jogavam banca

há noivos que saíam da sinagoga com a noiva de branco e com véu todo amarrotado por terem dormido no chão do vagão

o noivo de preto e cartola com as luvas sujas

os pais e os convidados, as mulheres com bolsas de pérolas

todos lamentando não poderem ter passado em casa para pôr uma roupa menos frágil.

O rabino se mantém ereto e anda na frente. Sempre foi um exemplo para os outros.

Há as meninas de um pensionato de saias pregueadas todas iguais, chapéus de fita azul esvoaçante. Esticam bem as meias ao descer. Comportadas, vão de cinco em cinco como no passeio da quinta-feira, de mãos dadas e sem saber. O que se pode fazer às meninas de um

1 Doce turco feito de amido de milho e açúcar, com aparência semelhante à de uma bala de goma grande. Geralmente é saborizado com água de rosas ou limão. [TODAS AS NOTAS SÃO DA TRADUTORA.]

pensionato que estão com a professora? A professora diz: “Vamos nos comportar, meninas”. Elas não têm vontade de não se comportar.

Há os velhos que recebiam notícias dos filhos na América. Têm do estrangeiro a ideia que lhes davam os cartões-postais. Nada se parecia com o que estão vendo aqui. Os filhos jamais acreditarão.

Há os intelectuais. São médicos ou arquitetos, compositores ou poetas, distinguem-se pelo andar e pelos óculos. Também eles viram muito na vida. Estudaram muito. Alguns até imaginaram muito para fazer livros e nada do que imaginaram se parece com o que estão vendo aqui.

Há todos os trabalhadores peleteiros das grandes cidades e os alfaiates para homens e para mulheres, todos os confeccionistas que haviam emigrado para o Ocidente e que não reconhecem aqui a terra dos ancestrais.

Há o povo inesgotável das cidades em que os homens ocupam cada um seu alvéolo e que aqui agora faz filas intermináveis e perguntamo-nos como tudo isso podia caber nos alvéolos sobrepostos das cidades.

Há uma mãe que dá um cascudo no filho talvez de cinco anos que não quer lhe dar a mão e ela quer que ele fique quieto a seu lado. É perigoso se perder e não devemos nos separar num lugar desconhecido e com toda essa gente. Ela dá um cascudo no filho e nós, que sabemos, não lhe perdoamos. Aliás, seria a mesma coisa se ela o cobrisse de beijos.

Há os que viajaram dezoito dias ficaram loucos e mataram uns aos outros nos vagões e

os que se asfixiaram durante a viagem de tão apertados que estavam

é evidente que esses não descem.

Há uma menininha que segura a boneca sobre o coração, as bonecas também se asfixiam.

Há duas irmãs de casaco branco que foram passear e não voltaram para o jantar. Os pais ainda estão preocupados.

De cinco em cinco eles tomam a rua da chegada. É a rua da partida, eles não sabem. É a rua que só se toma uma vez.

Caminham em ordem – que não se possa repreendê-los por nada.

Chegam a uma construção e suspiram. Finalmente chegaram.

E quando ordenam às mulheres que se dispam elas despem primeiro os filhos tomando cuidado para não os acordarem completamente. Depois de dias e noites de viagem estão nervosos e rabugentos

e elas começam a se despir na frente dos filhos fazer o quê

e quando dão uma toalha para cada uma elas se preocupam será que o chuveiro vai ser quente pois os filhos podem apanhar um resfriado

e quando os homens por outra porta entram também nus na sala do chuveiro elas abraçam os filhos para escondê-los.

E talvez então todos compreendam.

E não adianta nada compreender agora pois não podem dizê-lo aos que esperam na plataforma

aos que viajam nos vagões apagados através de todos os países para chegar aqui

aos que estão em campos e apreensivos com a partida pois temem o clima ou o trabalho e têm medo de deixar seus bens

aos que se escondem nas montanhas e florestas e já não têm paciência de se esconder. Seja o que for que tiver

de acontecer voltarão para casa. Por que alguém os procuraria em sua casa eles nunca fizeram mal a ninguém

aos que não quiseram se esconder porque não se pode abandonar tudo

aos que acreditavam ter protegido os filhos num pensionato católico onde as freiras são tão boas.

Vão vestir uma orquestra com as saias pregueadas das meninas. O comandante quer que sejam tocadas valsas vienenses no domingo de manhã.

Uma chefe de bloco fará cortinas para dar à sua janela um ar de quarto de dormir com o tecido sagrado com que o rabino se cobria para celebrar o ofício independentemente do que lhe acontecesse e de onde estivesse.

Uma kapo² se vestirá com o terno e a cartola do noivo sua amiga com o véu e elas brincarão de casamento à noite enquanto as outras estão deitadas mortas de cansaço. As kapos podem se divertir não estão cansadas à noite.

Serão distribuídas às alemãs doentes azeitonas pretas e lokum, mas elas não gostam de azeitonas de Kalamata nem de azeitonas em geral.

E o dia todo e a noite toda

todos os dias e todas as noites as chaminés fumegam com aquele combustível de todos os países da Europa

homens perto das chaminés passam os dias revisitando as cinzas para achar o ouro fundido dos dentes de ouro. Todos aqueles judeus têm ouro na boca e são tantos que se juntam toneladas.

2 Prisioneira considerada de confiança destacada para ajudar a manter a ordem nos grupos de trabalho. Era supervisionada por SS, homens ou mulheres.

E na primavera homens e mulheres espalham as cinzas sobre os pântanos drenados lavrados pela primeira vez e fertilizam o solo com fosfato humano.

Levam um saco amarrado à barriga e mergulham a mão na poeira de ossos humanos que lançam nos sulcos arrastando-se contra o vento que lhes devolve a poeira ao rosto e à noite estão completamente brancos, rugas marcadas pelo suor que escorreu sobre a poeira.

E não é preciso temer que haja falta, chegam trens e mais trens todos os dias chegam todos os dias e todas as noites todas as horas de todos os dias e de todas as noites.

É a maior estação do mundo de chegadas e partidas.

Só os que entram no campo sabem depois o que aconteceu com os outros e choram por tê-los deixado na estação porque naquele dia o oficial ordenava aos mais jovens que formassem uma fila separada

é preciso haver quem drene os pântanos e espalhe nelas a cinza dos outros.

E dizem a si mesmos que melhor seria nunca entrar aqui e nunca saber.

Vocês que choraram dois mil anos
um que agonizou três dias e três noites

que lágrimas terão
para os que agonizaram
muito mais de trezentas noites e muito mais de
trezentos dias
quanto
vocês chorarão
os que agonizaram tantas agonias
e eles eram inúmeros

Eles não acreditavam em ressurreição na eternidade
E sabiam que vocês não chorariam.

Ó vocês que sabem
sabiam que a fome faz brilhar os olhos que a sede ofusca?
Ó vocês que sabem
sabiam que podemos ver nossa mãe morta
e permanecer sem lágrimas?
Ó vocês que sabem
sabiam que de manhã queremos morrer
que à noite temos medo?
Ó vocês que sabem
sabiam que um dia é mais que um ano
um minuto mais que uma vida?
Ó vocês que sabem
sabiam que as pernas são mais vulneráveis que os olhos
os nervos mais duros que os ossos
o coração mais sólido que o aço?
Sabiam que as pedras do caminho não choram
que só há uma palavra para o pavor
só uma palavra para a angústia?
Sabiam que o sofrimento não tem limite
o horror não tem fronteira?
Sabiam
Vocês que sabem?

Minha mãe
era mãos um rosto
Puseram nossas mães nuas diante de nós

Aqui as mães já não são mães de seus filhos.

Todos eram marcados no braço com um número
indelével
Todos deviam morrer nus

A tatuagem identificava os mortos e as mortas.

Era uma planície desolada
à margem de uma cidade

A planície estava gelada
e a cidade
não tinha nome.